

O GRANDE PRETEXTO - O GRANDE PRETEXTO PARA A DISTOPIA | POR DIANA JOHNSTONE

Posted on 7. Dezember 2020

Um ponto de vista de Diana Johnstone.

No seu livro "Covid-19: The Great Reset" Klaus Schwab e Thierry Malleret do Fórum Económico Mundial apresentam-nos a voz de um suposto governo global.

Ao intitularem o seu documento recentemente publicado no Fórum Económico Mundial "Covid-19: The Great Reset", os autores ligam a pandemia às suas propostas futuristas de uma forma que inevitavelmente cria um "Aha! Na atmosfera actual de confusão e desconfiança, a alegria com que os economistas Klaus Schwab e Thierry Malleret acolhem a pandemia como um prenúncio da convulsão socioeconómica que propõem sugere que teriam gerado a pandemia (se tivessem sido capazes) se o Covid-19 não tivesse surgido por acaso.

De facto, Schwab, o fundador do Fórum Económico Mundial, já tinha hipnotizado vigorosamente o Grande Reposicionamento e utilizado as alterações climáticas como um gatilho para a crise, antes do recente surto de coronavírus lhe ter dado uma desculpa ainda mais imediata para promover os seus planos de remodelação do mundo.

Os autores começam logo no início, proclamando que "o mundo como o conhecemos nos primeiros meses de 2020 já não existe", que as mudanças radicais formarão uma "nova normalidade". Nós próprios seremos transformados. "Muitas das nossas crenças e suposições sobre como o mundo poderia ou deveria parecer serão quebradas no processo".

Ao longo do livro, os autores parecem gabar-se dos supostos efeitos do "medo" generalizado do vírus, que supostamente faz com que as pessoas queiram as mudanças radicais que imaginam. Utilizam a psicopatologia tecnocrática para proclamar que a pandemia já está em processo de mudança da mentalidade humana para se adaptar à nova realidade que acreditam ser inevitável.

"Assim, o nosso medo persistente e possivelmente duradouro de ser infectado por um vírus (...) irá acelerar a implacável marcha da automatização".

A sério?

"A pandemia pode aumentar o nosso medo de nos sentarmos numa sala fechada com estranhos completos, e muitas pessoas podem decidir ficar em casa para ver o último filme ou ópera, porque essa é a opção mais inteligente.

Existem outros efeitos de primeira fase que são muito mais fáceis de prever. A limpeza é uma delas. A pandemia irá certamente aumentar o nosso foco na higiene. Uma nova obsessão pela limpeza conduzirá em particular à criação de novas formas de embalagem. Seremos encorajados a não tocar nos produtos que compramos. Simples prazeres como o cheiro de um melão ou o espremer de uma fruta serão desaprovados e talvez até se tornem uma coisa do passado".

Esta é a voz da futura governação global. De cima, os peritos decidem o que as massas devem querer e torcem os supostos desejos do povo para se ajustarem aos esquemas de lucro que vendem. Os seus esquemas centram-se na inovação digital, na automatização massiva através da "inteligência artificial" e, finalmente, até na "melhoria" dos seres humanos, equipando-os artificialmente com algumas das características dos robôs: por exemplo, a resolução de problemas sem distrações éticas.

O engenheiro-economista Klaus Schwab, nascido em 1938 em Ravensburg, Alemanha, fundou o seu fórum em 1971, o qual é maciçamente apoiado por empresas internacionais. Reúne-se uma vez por ano em Davos, Suíça - a última vez em Janeiro de 2020 e no próximo ano em Maio, adiada devido ao Covid-19.

Um poderoso lobby

O que é isso exactamente? Descreveria o Fórum Económico Mundial (WEF) como uma combinação de uma empresa de consultoria capitalista e um lobby gigantesco. As previsões futuristas devem levar os investidores a áreas lucrativas daquilo a que Schwab chama a "Quarta Revolução Industrial (4IR)" e depois, uma vez definidas as áreas, pressionar os governos a apoiar tais investimentos através de subsídios, isenções fiscais, aquisições, regulamentos e leis. Em suma, o WEF é o lobby das novas tecnologias, tudo digital, inteligência artificial, transhumanismo.

Hoje em dia é poderoso porque opera num ambiente de capitalismo de estado, onde o papel do Estado

(especialmente nos Estados Unidos, menos na Europa) foi largamente reduzido para responder positivamente às exigências de tais lobbies, especialmente do sector financeiro. Imunizados por contribuições de campanha contra os desejos obscuros das pessoas comuns, a maioria dos políticos de hoje precisam praticamente da liderança de lobbies como o WEF para lhes dizer o que devem fazer.

No século XX, especialmente com o New Deal, o governo estava sob pressão de interesses conflituosos. O sucesso económico da indústria de armamento durante a Segunda Guerra Mundial levou ao surgimento de um Complexo Industrial Militar (MIK), que se tornou um factor estrutural permanente na economia dos EUA.

É o papel dominante do Complexo Industrial Militar e os lobbies resultantes que finalmente transformaram a nação num capitalismo de estado e não numa república.

A prova desta transformação é a unanimidade com que o Congresso nunca se afastou de orçamentos militares grotescamente inflacionados. O MIK tem produzido meios de comunicação e think tanks que doutrinam constantemente o público com a necessidade existencial de continuar a investir a riqueza da nação em armas de guerra. Na medida em que os eleitores não concordam com isto, não conseguem encontrar um meio de expressão política nas eleições, pois são monopolizados por dois partidos pró-MIK.

O WEF pode ser considerado análogo ao MIK. Pretende envolver governos e formadores de opinião na promoção de um "4IR" que irá dominar a economia civil e a própria vida civil.

A pandemia é um pretexto temporário; a necessidade de "proteger o ambiente" será o pretexto mais sustentável. Tal como o MIK é apresentado como absolutamente necessário para "proteger as nossas liberdades", o 4IR será acolhido como absolutamente necessário para "salvar o ambiente" - e em ambos os casos, muitas das medidas defendidas terão o efeito oposto.

Até agora, a tirania técnica do 4IR Schwebian ainda não conquistou totalmente o seu lugar no capitalismo estatal dos EUA. Mas as suas perspectivas são boas. Silicon Valley deu uma importante contribuição para a campanha de Joe Biden, e Biden apressou-se a nomear os seus magnatas para a sua equipa de transição.

Mas o perigo real de todo o poder ir reiniciar não está no que existe, mas no que não existe: alguma oposição política séria.

A democracia pode ser restaurada?

O Grande Reposicionamento tem uma ampla estrada aberta para ele, pela simples razão de que nada se interpõe no seu caminho. Nenhuma sensibilização generalizada para os problemas, nenhuma organização política popular eficaz, nada. A distopia de Schwab é assustadora apenas por esta razão.

As eleições presidenciais de 2020 acabam de destacar a quase completa despolitização do povo americano. Isto pode soar estranho tendo em conta as emoções violentas dos membros do partido. Mas foi tudo muito alarido por nada.

Não foram discutidas questões reais, não foram levantadas questões políticas sérias, nem sobre a guerra nem sobre as direcções do desenvolvimento económico futuro. As disputas viciosas eram sobre pessoas, não sobre política. O Trump foi acusado de ser "Hitler" e os Falcões da Guerra Democrática comprados por Wall Street foram chamados "socialistas" por Trumpists. Mentiras, insultos e confusão para onde quer que olhe.

Um renascimento da democracia poderia resultar de uma análise organizada e focalizada das questões levantadas pelos planificadores de Davos para estimular a opinião pública informada, que poderia julgar quais as inovações técnicas que são socialmente aceitáveis e quais as que não o são.

Os pedidos de alarme a partir das margens não afectarão o equilíbrio intelectual de poder. O que precisamos é que as pessoas em todo o lado se reúnam para estudar as questões e formar opiniões bem fundamentadas sobre os objectivos e métodos do desenvolvimento futuro.

Desde que não sejam confrontados com críticas informadas e precisas, o Silicon Valley e os seus aliados empresariais e financeiros farão simplesmente o que podem imaginar, independentemente do impacto social.

Uma avaliação séria deve distinguir entre inovações potencialmente úteis e indesejáveis, a fim de evitar que

as noções populares sejam utilizadas para obter aceitação até mesmo para o "progresso tecnológico" mais sinistro.

Redefinição de perguntas

As distinções políticas entre esquerda e direita, entre republicanos e democratas, tornaram-se mais apaixonadas, tal como essas distinções, que se revelam incoerentes, distorcidas e irrelevantes, baseadas mais em preconceitos ideológicos do que em factos. Poderiam ser construídas novas e mais frutuosas orientações políticas, confrontando certas questões concretas.

Poderíamos retomar as propostas da Grande Reposição uma a uma e examiná-las tanto de um ponto de vista pragmático como ético.

No. 1 - Graças à pandemia, a utilização de chamadas em conferência utilizando o Skype, Zoom ou outras novas plataformas tem aumentado muito. O WEF acolhe isto como uma tendência. É mau por esta razão? Para ser justo, há que dizer que esta inovação é positiva porque permite que muitas pessoas participem em conferências sem terem de enfrentar os custos, as complicações e os custos ambientais das viagens aéreas. Tem o lado negativo de impedir o contacto humano directo. Esta é uma questão simples em que os pontos positivos parecem superar os negativos.

N.º 2 - O ensino superior deve entrar em linha e os professores devem oferecer cursos aos estudantes através da Internet? Esta é uma questão muito mais complicada que deveria ser discutida em profundidade pelas próprias instituições educativas e pelas comunidades que servem, pesando os prós e os contras, tendo em conta que aqueles que fornecem a tecnologia querem vendê-la e pouco se preocupam com o valor do contacto humano na educação - não só o contacto humano entre estudante e professor, mas muitas vezes os contactos de definição de vida entre os próprios estudantes. Os cursos on-line podem beneficiar estudantes geograficamente isolados, mas a ruptura da comunidade educacional seria um enorme passo para a destruição da comunidade humana como um todo.

N.º 3 - Saúde e "bem-estar". Esta é uma área em que a discussão deve aquecer consideravelmente. De

acordo com Schwab e Malleret: "Na era pós-pandémica (no total) três sectores em particular florescerão: Big Tech, saúde e bem-estar". Para os projectistas de Davos, os três estão a unir forças.

Aqueles que acreditam que o bem-estar é largamente auto-gerado e depende de atitudes, actividades e escolhas de estilo de vida estão a perder a marca. "A combinação de IA, IoT, sensores e tecnologia vestível trará novos conhecimentos sobre o bem-estar pessoal. Eles modelarão como somos e como nos sentimos informações precisas sobre a nossa pegada de carbono, o nosso impacto na biodiversidade, a toxicidade de todos os ingredientes que consumimos e os ambientes ou contextos espaciais em que evoluímos, trarão avanços significativos à nossa consciência do bem-estar colectivo e individual.

Pergunta: Queremos ou precisamos mesmo de todo este narcisismo cibernético? Não podemos simplesmente desfrutar da vida ajudando um amigo, acariciando um gato, lendo um livro, ouvindo um riacho ou vendo um pôr-do-sol? É melhor pensarmos nisso antes que eles nos façam mudar de ideias.

Número quatro - alimentação. A fim de não perder o apetite, vou saltar este ponto. Os feiticeiros da tecnologia gostariam de se livrar dos nossos agricultores, com todo o seu solo sujo e animais, e gostariam de ter produzido industrialmente, alimentos artificialmente melhorados, produzidos em laboratórios bem limpos - de quê, na verdade?

A questão central: Homo Faber

N.º 5 - E o trabalho humano?

"Muito provavelmente, a recessão gerada pela pandemia irá desencadear um forte aumento na substituição do trabalho, o que significa que o trabalho físico será substituído por robôs e máquinas 'inteligentes', o que, por sua vez, provocará mudanças permanentes e estruturais no mercado de trabalho".

Esta substituição está em curso há décadas. Juntamente com a externalização e a imigração, já enfraqueceu o poder colectivo do trabalho. Mas é evidente que as indústrias tecnológicas estão prontas a ir muito, muito mais longe e mais depressa para empurrar as pessoas para fora do trabalho.

A crise do Covid 19 e o distanciamento social "aceleraram subitamente este processo de inovação e

mudança tecnológica". Estão a ser rapidamente introduzidos bots de conversação, que utilizam frequentemente a mesma tecnologia de reconhecimento de voz que o Alexa da Amazon, e outro software que pode substituir tarefas normalmente executadas por funcionários humanos. Estas inovações (isto é, saneamento) provocadas pela necessidade resultarão em breve em centenas de milhares e possivelmente milhões de perdas de emprego.

A redução dos custos de mão-de-obra foi durante muito tempo o leitmotiv destas inovações, juntamente com a dinâmica interna da indústria tecnológica para "fazer tudo o que pode fazer". Depois são inventadas desculpas socialmente úteis para a justificação. Assim:

"Como os consumidores podem eventualmente preferir serviços automatizados ao contacto directo, o que está a acontecer com os centros de atendimento telefónico hoje em dia irá inevitavelmente acontecer também noutros sectores".

"Os consumidores podem preferir..."! Todos os que conheço queixam-se do desespero de tentar chegar ao banco ou companhia de seguros para explicar uma emergência e em vez disso serem confrontados com uma voz morta e uma selecção de números irrelevantes para clicar. Talvez eu subestime o nível de hostilidade para com os nossos semelhantes que permeia a sociedade actual, mas tenho a impressão de que existe uma enorme procura pública não falada de serviços automatizados LESS e MAIS contacto com pessoas reais que podem pensar fora do algoritmo e realmente SUBSTITUIR o problema, em vez de apenas cuspir correcções pré-programadas.

Há um movimento potencial lá fora. Mas não ouvimos falar disso porque estamos convencidos pelos nossos meios de comunicação que o maior problema que as pessoas enfrentam na sua vida quotidiana é ouvir alguém expressar a sua confusão sobre o género confuso de outra pessoa.

Ao fazê-lo, argumentaria, a procura dos consumidores seria misturada com a necessidade desesperada das pessoas de senso comum de ganhar a vida. Os tecnocratas ganham bem o seu dinheiro, eliminando as oportunidades de outras pessoas de ganharem a vida.

Aqui está uma das suas grandes ideias:

"Em cidades tão diversas como Hangzhou, Washington DC e Tel Aviv, há esforços para passar de programas piloto para operações em grande escala capazes de colocar um exército de robôs de entrega nas ruas e no ar".

Que grande alternativa ao pagamento de um salário condigno a fornecedores humanos!

E a propósito, um tipo que anda de bicicleta de entrega utiliza energia renovável. Mas todos estes robôs e zangões? Pilhas, baterias, e mais baterias! Que materiais, de onde vêm e como são feitos? Por mais robôs? De onde vem a energia que é suposto substituir não só os combustíveis fósseis mas também o esforço físico humano?

Na última reunião em Davos, o intelectual israelita Yuval Harari advertiu veementemente contra isto:

"Enquanto no passado as pessoas tinham de lutar contra a exploração, no século XXI a grande luta contra a insignificância será travada (...) Aqueles que falham na luta contra a insignificância formariam uma nova 'classe inútil' - não da perspectiva dos seus amigos e família, mas inútil da perspectiva do sistema económico e político. E esta classe inútil será separada da elite cada vez mais poderosa por um fosso cada vez maior".

N.º 6 - E os militares. Os nossos profetas capitalistas da desgraça prevêem metade do colapso da aviação civil e da indústria aeronáutica, à medida que as pessoas decidem ficar coladas aos seus ecrãs em casa. Mas não se preocupe!

"Isto torna o sector da defesa, aeroespacial e da defesa uma excepção e um porto relativamente seguro". Ou seja, para investimento de capital. Em vez de férias em praias ensolaradas, podemos aguardar com expectativa as guerras espaciais. Pode acontecer mais cedo do que mais tarde porque, como afirma a Brookings Institution num relatório de 2018 sobre "How Artificial Intelligence is Changing the World", tudo está a acontecer mais depressa, incluindo a guerra:

"A vasta quantidade de análise de dados associada à IA terá um impacto profundo na análise de inteligência, uma vez que vastas quantidades de dados são vistas em tempo quase real (...), proporcionando aos

comandantes e ao seu pessoal níveis sem precedentes de análise de inteligência e produtividade. O Comando e Controlo será igualmente afectado quando os comandantes humanos delegam certas rotinas, e em circunstâncias especiais, decisões chave às plataformas de IA, reduzindo drasticamente o tempo associado à decisão e subsequente acção.

Portanto, não há o perigo de algum oficial de coração mole hesitar em desencadear a Terceira Guerra Mundial devido a um apego sentimental à humanidade. Quando a plataforma AI vê uma oportunidade, aproveita-a!

"Em última análise, a guerra é uma corrida pelo tempo, na qual o lado que pode decidir o mais rápido e passar à execução o mais rápido geralmente prevalecerá. De facto, sistemas de inteligência artificialmente inteligentes ligados a sistemas de comando e controlo apoiados por IA podem levar o apoio à decisão e à tomada de decisões a velocidades muito superiores às dos meios de guerra tradicionais. Este processo será tão rápido, especialmente quando associado a decisões automáticas de implantação de sistemas de armas autónomas artificialmente inteligentes com resultados letais, que um novo termo foi cunhado para cobrir especificamente a velocidade a que a guerra é travada: "Hyperwar".

Os americanos têm uma escolha. Ou continuam a discutir sobre irrelevâncias ou acordam. Acordar realmente para a realidade planeada e fazer algo a esse respeito.

O futuro tem a ver com decisões de investimento. Não por discursos ultrajantes, nem mesmo por eleições, mas por decisões de investimento. Para que o povo recupere o poder, deve mais uma vez assumir o comando da forma como o capital é investido e para que fins.

E quando o capital privado vacila, deve ser socializado. Esta é a única revolução - e é também o único conservadorismo, a única forma de manter uma vida humana decente. É disto que se trata a verdadeira política.

Os livros "A Arte da Guerra" de Sun Zi e "De Guerra" de Carl von Clausewitz são recomendados neste contexto.

+++

Este artigo foi publicado pela primeira vez em 24.11.2020 no theblogcat.de

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: Maksim Shmeljov / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.


+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.

 BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK